

CARTA PASTORAL

D. Javier Echevarría
Prelado do Opus Dei

Roma, 2-X-2011

SUMÁRIO

FORMAÇÃO PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO, 2
Como os primeiros cristãos, 2
Necessidade e importância da formação, 3
Liberdade, docilidade, sentido de responsabilidade, 3

FORMAÇÃO HUMANA, 4
Temperança, 5
Fortaleza, 6
Tom humano, 6
O tom humano dos ministros sagrados, 7

FORMAÇÃO ESPIRITUAL, 8
Identificar-se com Jesus Cristo, 8
Os meios, 9
O Sacramento da Reconciliação, 10
Espírito de iniciativa e docilidade, 10
Humildade e prudência ao dar a direção espiritual, 11
A formação litúrgica, 12
A liturgia da Palavra, 13
A liturgia eucarística, 14

FORMAÇÃO NA DOCTRINA CATÓLICA, 15
Fidelidade ao Magistério e liberdade no opinável, 15

FORMAÇÃO PARA O APOSTOLADO, 16
Apostolado pessoal de amizade e confiança, 17
Apostolado da família e com a juventude, 19
Apostolado e cultura, 20

FORMAÇÃO PROFISSIONAL, 20
Trabalho e unidade de vida, 21
Retidão de intenção, 22
Espontaneidade apostólica, 23

Queridíssimos: que Jesus guarde as minhas filhas e os meus filhos!

1. Desde que recebeu o mandato apostólico do Senhor (cf. *Mt 28, 19-20*), a Igreja não cessou de evangelizar. Muitos frutos vieram no decorrer dos séculos: pela graça de Deus, também a Obra e cada um dos seus fiéis. Como em outras épocas, também agora está se desenvolvendo em muitos ambientes um forte processo de descristianização que traz consigo perdas muito graves para a humanidade. Deus enviou sempre à Igreja santos que, com a sua palavra e com o seu exemplo, souberam reconduzir as almas a Cristo. Como escreveu o Papa Bento XVI na sua encíclica sobre a esperança, o cristianismo não é *apenas uma «boa nova», uma comunicação de conteúdos, mas uma comunicação que gera fatos e muda a vida*¹.

Detenho-me agora em alguns aspectos dessa formação para a nossa vida espiritual e para tomarmos parte na “nova evangelização”, como a definiu o bem-aventurado João Paulo II.

Em 1985, o primeiro sucessor do nosso Padre dirigiu-nos uma carta pastoral, movendo-nos a participar muito ativamente nesse apostolado, frisando a necessidade de esmerar-nos na formação pessoal e na extensão desse trabalho às almas.

Também Bento XVI guia agora os cristãos por estas mesmas sendas. A recente criação do Conselho Pontifício para a promoção da nova evangelização² é uma manifestação desse interesse. Todos nos sentimos interpelados pelas suas palavras na recente Jornada Mundial da Juventude, quando animava os jovens *a dar testemunho da fé nos mais diversos ambientes, inclusive ali onde há rejeição ou indiferença. Não se pode encontrar a Cristo e não o dar a conhecer aos outros. Portanto, não guardeis Cristo para vós mesmos. Comunicai aos demais a alegria da vossa fé. O mundo precisa o testemunho da vossa fé, precisa certamente de Deus*³.

FORMAÇÃO PARA A NOVA EVANGELIZAÇÃO

Como os primeiros cristãos

2. Como a Obra veio ao mundo precisamente para recordar a chamada universal à santidade e ao apostolado, São Josemaria afirmava que **o modo mais fácil de entender o Opus Dei é pensar na vida dos primeiros cristãos. Eles viviam profundamente a sua vocação cristã; procuravam seriamente a perfeição a que estavam chamados pelo fato, simples e sublime, do Batismo. Não se distinguiam exteriormente dos demais cidadãos**⁴.

No dia de Pentecostes, o Paráclito impulsionou os Apóstolos e os demais discípulos a evangelizar, reavivando em suas mentes os ensinamentos de Jesus Cristo. Basta ler os escritos do Novo Testamento, para comprovar como uma das primeiras ocupações dos Doze era plantar a semente da fé e alimentá-la com os seus ensinamentos, de palavra e por carta. O paciente trabalho de formação que o Senhor realizou com os Apóstolos durante três anos, prolongado sem pausas por eles e os seus colaboradores, com a assistência do Espírito Santo, transformou o mundo antigo até torná-lo cristão.

1 Bento XVI, Encíclica *Spe salvi*, 30-11-2007, n. 2.

2 Cf. Bento XVI, Litt. apost. *Ubicumque et semper*, 21-9-2010.

3 Bento XVI, Homilia na Missa conclusiva da Jornada Mundial da Juventude, 21-8-2011.

4 São Josemaria, *Questões Atuais do Cristianismo*, n. 24.

Necessidade e importância da formação

3. São Josemaria impulsionou a todos a adquirir e a melhorar constantemente a sua formação cristã, pressuposto indispensável para crescer em intimidade com Jesus Cristo e apresentá-lo a outras almas. *Discite benefacere* (Is 1, 17), aprendei a fazer o bem, repetia com palavras do profeta Isaías; **porque é inútil que uma doutrina seja maravilhosa e salvadora, se não há homens capacitados para levá-la à prática**⁵. Desde os seus primeiros passos como sacerdote, dedicou muitas energias a formar doutrinariamente as pessoas que se aproximavam do seu trabalho pastoral; depois, com o desenvolvimento do Opus Dei, intensificou essa dedicação e dispôs os meios necessários para dar continuidade à tarefa formativa; em primeiro lugar, dos seus filhos, mas também das inúmeras pessoas – homens e mulheres, jovens e gente madura, sãos e doentes –, que se mostravam dispostas a acolher em suas almas essa mensagem.

O nosso Padre considerava cinco aspectos da formação: humano, espiritual, doutrinal-religioso, apostólico e profissional. Afirmava que um homem, uma mulher, **vai se fazendo pouco a pouco, e nunca chega a se fazer totalmente, a realizar em si mesmo toda a perfeição humana de que a natureza é capaz. Em um aspecto determinado, pode inclusive chegar a ser o melhor, em relação a todos os demais, e talvez a ser insuperável nessa atividade concreta natural. No entanto, como cristão, o seu crescimento não tem limites**⁶.

No aspecto humano, se nos examinamos com sinceridade, logo descobriremos que precisamos aperfeiçoar o nosso caráter, o nosso modo de ser, adquirindo e melhorando as virtudes humanas que constituem o suporte das sobrenaturais. O mesmo acontece na formação espiritual, pois sempre existe a possibilidade de progredir nas virtudes cristãs, especialmente na caridade, que é a essência da perfeição.

No aspecto doutrinal-religioso, também o nosso conhecimento de Deus e da doutrina revelada pode e deve crescer: para conformar melhor com os mistérios da fé a nossa inteligência, a nossa vontade e o nosso coração, e assimilá-los com maior profundidade.

O apostolado, por sua vez, é um **mar sem margens**, e requer preparação para anunciar o amor de Cristo em novos ambientes e em mais países. Este era o programa de São Josemaria desde os começos, como aparece em um escrito seu dos primeiros anos da Obra: **conhecer a Jesus Cristo. Fazê-lo conhecer. Levá-lo a todos os lugares**. O prestígio profissional é como que o **anzol de pescador de homens**⁷, para estender o reinado de Cristo – presente já em sua Igreja – na sociedade.

O panorama é tão vasto que jamais poderemos dizer: já estou formado! **Nós nunca dizemos basta. A nossa formação não termina nunca: tudo o que recebestes até agora** – explicava nosso Padre – é fundamento para o que virá depois⁸.

Liberdade, docilidade, sentido de responsabilidade

4. A identificação com Jesus Cristo requer a livre cooperação humana: «Aquele que te fez sem ti, não te salvará sem ti»⁹. Essa correspondência pessoal tem um papel imprescindível, mas onde a criatura não consegue chegar, a graça de Deus chega. **O Senhor deixou-nos com liberdade, que é um bem muito grande e a origem de muitos males, mas também é a origem da santidade e do amor**¹⁰. Origem do amor: só os seres livres estão em condições de amar e serem felizes. Dificilmente cresce o amor onde

5 São Josemaria, *Carta 6-5-1945*, n. 19.

6 São Josemaria, *Carta 24-03-1931*, n. 9.

7 São Josemaria, *Caminho*, n. 372.

8 São Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 18-6-1972.

9 Santo Agostinho, *Sermão*, 169, 13 (PL 38, 923).

10 São Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 1963.

impera a coação. E não há fidelidade sem a decisão livre e firme de se identificar com a Vontade de Deus.

A Igreja possui o remédio para curar a fraqueza humana, consequência do pecado, que se manifesta – entre outras coisas – na diminuição da liberdade interior. Esse remédio, a graça divina, não só cura a liberdade natural, mas a eleva a uma liberdade nova e mais alta. Jesus Cristo, efetivamente, arrancou-nos *da escravidão da corrupção para participar da liberdade gloriosa dos filhos de Deus (Rm 8, 21)*. Por isso – exorta o Apóstolo –, *ficai firmes e não vos submetais outra vez ao jugo da escravidão (Gal 5, 1)*.

Queres fazer o favor de pensar – convida São Josemaria – (...) **se manténs imutável e firme a tua opção de Vida; se, ao ouvires essa voz de Deus, amabilíssima, que te estimula à santidade, respondes livremente que sim?**¹¹. A decisão pessoal da nossa resposta à chamada de Deus, na Igreja e na Obra, é precisamente a razão da nossa perseverança. Mais ainda, essa liberdade realiza-se em plenitude, atinge todo seu sentido, somente mediante a entrega amorosa à Vontade de Deus, como fez Jesus.

A liberdade pessoal – que defendo e defenderei sempre com todas as minhas forças – leva-me a perguntar com convicta segurança e também com a consciência da minha própria fraqueza: que esperas de mim, Senhor, para que eu voluntariamente o cumpra?¹². E acrescenta nosso Padre: **responde-nos o próprio Cristo: *veritas liberabit vos (Jo 8, 32)*, a verdade vos fará livres. Que verdade é esta, que inicia e consuma em toda a nossa vida o caminho da liberdade? Eu vo-la resumirei, com a alegria e com a certeza que procedem da relação entre Deus e as suas criaturas: saber que saímos das mãos de Deus, que somos objeto da predileção da Trindade Beatíssima, que somos filhos de tão grande Pai**¹³.

5. Ao incorporar-se ao Opus Dei, cada um aceita livremente o compromisso de se formar para dar cumprimento à missão da Obra no seio da Igreja, e participa, por isso, com agradecimento, dos meios específicos de formação que estabeleceu São Josemaria, fiel ao querer divino.

Ponderemos seriamente e com frequência a **obrigação de formar-nos bem doutrinalmente, obrigação de nos prepararmos para que entendam; para que, além disso, depois saibam se expressar os que nos escutam**¹⁴. Daí a necessidade de participar dos meios de formação dispostos a aproveitá-los a fundo.

Como assinalava João Paulo II, «algumas convicções revelam-se especialmente necessárias e fecundas no trabalho formativo. Antes de mais nada, a convicção de que não se dá formação verdadeira e eficaz se cada um não assume e não desenvolve por si mesmo a responsabilidade da formação. Efetivamente, esta se configura essencialmente como “autoformação”. Além disso, está a convicção de que cada um de nós é o término e ao mesmo tempo o princípio da formação. Quanto mais nos formamos, mais sentimos a exigência de prosseguir e aprofundar tal formação; como também quanto mais estamos formados, mais nos tornamos capazes de formar os demais»¹⁵.

FORMAÇÃO HUMANA

6. No aspecto humano, a formação tende a fortalecer as virtudes e contribui para a configuração do caráter: o Senhor nos quer muito humanos e muito divinos, com os olhos postos nele, que *é perfeito Deus e perfeito homem*¹⁶.

11 São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 24.

12 *Ibid.*, n. 26.

13 *Ibid.*

14 São Josemaria, *Carta 9-01-1932*, n. 28.

15 João Paulo II, Exhort. apost. *Christifideles laici*, 30-12-1988, n. 63.

16 *Símbolo Atanasiano*.

O edifício da santidade assenta sobre bases humanas: a graça pressupõe a natureza. Por isso o Concílio Vaticano II recomenda aos fiéis leigos que tenham em sumo apreço aquelas virtudes «que se referem às relações sociais, isto é, a honestidade, o espírito de justiça, a sinceridade, os bons sentimentos, a fortaleza de alma, sem as quais não se pode dar uma autêntica vida cristã»¹⁷.

Uma sólida personalidade constrói-se na família, na escola, no lugar de trabalho, nas relações de amizade, nas variadas situações da existência. Precisa-se, além disso, aprender a atuar com nobreza e retidão. Desse modo, melhora o caráter como base para fortalecer a fé ante as dificuldades internas ou externas. Não faltam homens e mulheres **que talvez não tenham tido ocasião de ouvir a palavra divina ou que talvez a tenham esquecido. Mas as suas disposições são humanamente sinceras, leais, compassivas, honradas. E eu me atrevo a afirmar que quem reúne essas condições está prestes a ser generoso com Deus, porque as virtudes humanas compõem o fundamento das sobrenaturais**¹⁸.

Atualmente faz-se mais necessário redescobrir o valor e a necessidade das virtudes humanas, pois alguns as consideram em oposição à liberdade, à espontaneidade, ao que pensam equivocadamente que é “autêntico” no homem. Esquecem, talvez, que essas perfeições habituais do entendimento e da vontade facilitam atuar bem, com retidão, e fazem com que a convivência social seja justa, pacífica, amável.

Ainda que o ambiente que se respire em alguns lugares dificulte captar estes valores, nem por isso as virtudes humanas deixam de ser atraentes. Ante os múltiplos apelos que não preenchem o coração, a pessoa termina por buscar algo que valha realmente a pena. Por isso, aos cristãos é nos apresentada a grande tarefa de mostrar, primeiro com o próprio exemplo, a beleza de uma vida virtuosa, isto é, plenamente humana, uma vida feliz.

Na atualidade mostram-se especialmente relevantes a temperança e a fortaleza.

Temperança

7. Temperança é senhorio. Senhorio que se alcança quando se percebe que **nem tudo que experimentamos no corpo e na alma deve ser deixado à rédea solta. Nem tudo o que se pode fazer se deve fazer. É mais cômodo deixar-se arrastar pelos impulsos que chamam de naturais; mas no fim deste caminho encontra-se a tristeza, o isolamento na miséria própria**¹⁹.

Esta virtude introduz ordem e medida no desejo, domínio firme e moderado da razão sobre as paixões. Seu exercício não se reduz a uma pura negação, que seria uma caricatura dessa virtude. Tende a que o bem deleitável e a atração que suscita se integrem harmonicamente na maturidade global da pessoa, na saúde da alma. **A temperança não supõe limitação, mas grandeza. Há muito maior privação na intemperança, porque o coração abdica de si mesmo para ir atrás do primeiro que lhe faça soar aos ouvidos o pobre ruído de uns chocalhos de lata**²⁰.

A experiência revela que a intemperança dificulta a deliberação para determinar o que é verdadeiramente bom. Que pena causam aqueles em que o prazer se converte no critério das decisões! A pessoa destemperada deixa-se guiar pelas múltiplas sensações que o ambiente lhe apresenta. E, deixando de lado a verdade das coisas e procurando a felicidade em experiências fugazes – que, por serem passageiras e sensíveis, nunca satisfazem completamente, mas inquietam e desestabilizam –, fazem a criatura entrar numa espiral autodestrutiva. Pelo contrário, a temperança confere serenidade e repouso; não abafa nem silencia os bons desejos e as nobres paixões, mas torna o homem dono de si.

17 Concílio Vaticano II, Decr. *Apostolicam actuositatem*, n. 4.

18 São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 74.

19 *Ibid.*, n. 84.

20 *Ibid.*

Neste campo, os Supernumerários adquirem uma especial responsabilidade, com seu empenho em criar lares cristãos. São Josemaria comentava que os pais devem ensinar os seus filhos **a viverem com sobriedade (...). É difícil, mas é preciso ser valente: tenham coragem para educar na austeridade**²¹. O modo mais eficaz de transmitir este enfoque, sobretudo às crianças, é o exemplo, pois só entenderão a beleza da virtude quando contemplarem como renunciais a um capricho por amor delas, ou sacrificais o vosso próprio descanso para atendê-las, para acompanhá-las, para cumprir a vossa missão de pais. Ajudai-as a administrar as coisas que usam: será um grande bem para elas. Insisto: se cuidais a temperança em vossos lares, o Senhor premiará a vossa abnegação e sacrifício de mães e pais; e surgirão vocações de dedicação a Deus no seio da vossa própria casa.

Fortaleza

8. Em algumas ocasiões experimentamos dentro de nós certa resistência ao esforço, ao que exige trabalho, sacrifício, abnegação. A fortaleza «assegura nas dificuldades a firmeza e a constância na busca do bem. Reafirma a resolução de resistir às tentações e de superar os obstáculos na vida moral. A virtude da fortaleza torna capaz de vencer o temor, inclusive da morte, e de enfrentar as provas e as perseguições»²².

Lutemos para adquirir os hábitos de vencer-nos a nós mesmos em detalhes pequenos: cumprir um horário, cuidar a ordem material, não ceder aos caprichos, dominar as irritações, acabar as tarefas, etc. Assim, poderemos responder com mais prontidão às exigências da nossa vocação cristã. Além do mais, a fortaleza nos conduzirá à boa paciência, a sofrer sem descarregar nos outros, a relevar as contrariedades que decorrem das nossas próprias limitações e defeitos, do cansaço, do caráter alheio, das injustiças, da falta de meios. É forte quem persevera no cumprimento do que entende dever fazer, segundo a sua consciência; quem não mede o valor de uma tarefa **exclusivamente pelos benefícios que recebe, mas pelo serviço que presta aos outros. O homem forte às vezes sofre, mas resiste; talvez chore, mas bebe as lágrimas. Quando a contradição recrudescer, não se dobra**²³.

Certamente, requer-se firmeza para empreender diariamente a tarefa da nossa santificação e do apostolado no meio do mundo. Surgirão talvez obstáculos, mas a pessoa movida pela força de Deus – *quoniam tua es fortitudo mea* (Sl 30 [31] 5), porque Tu és, Senhor, a minha fortaleza – não teme atuar, proclamar e defender a sua fé, mesmo quando isto exija ir contracorrente. Voltemos de novo o olhar para os primeiros cristãos: eles encontraram numerosas dificuldades, pois a doutrina de Cristo aparecia – então como agora – como um *senal de contradição* (Lc 2, 34). O mundo de hoje precisa de mulheres e homens que ofereçam em sua conduta quotidiana o **testemunho silencioso e heroico de tantos cristãos que vivem o Evangelho sem acomodações, cumprindo o seu dever**²⁴.

Tom humano

9. O afã por cultivar as virtudes humanas colaborará para que se respire o *bonus odor Christi* (cf. 2 Cor 2, 15), o bom aroma de Cristo. Nesse contexto, demonstra-se especialmente importante o “tom humano”, o comportamento cordial e respeitoso nas relações com os outros. Fomentemos isso no seio da família, no lugar de trabalho, nos momentos dedicados ao entretenimento, ao esporte, ao descanso, ainda que não poucas vezes se precise também nisso ir contracorrente. Não tenhamos medo se, às vezes, a nossa simples naturalidade cristã *choca* com o ambiente, porque – como nos ensinou São Josemaria –

21 São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 28-11-1972.

22 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1808.

23 São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 77.

24 Bento XVI, Alocução no *Ángelus*, 28-10-2007.

essa é então a naturalidade que o Senhor nos pede²⁵.

Hoje se apresenta imperiosa a necessidade de cuidar o tom humano e de promovê-lo ao nosso redor. Com frequência, na família e na sociedade se descuidam essas manifestações de delicadeza na conduta, em nome de uma falsa naturalidade. Existem abundantes maneiras de contribuir para a formação neste terreno. O primeiro, como sempre, é o exemplo, ainda que será também conveniente insistir mediante conversas pessoais e palestras a grupos de pessoas. O respeito no trato mútuo manifesta-se no modo de vestir digno e honesto, nos temas de conversas e tertúlias, na promoção de um espírito de serviço alegre, dentro do lar, da escola, dos lugares de diversão ou descanso; na atenção material dos lares e no cuidado das pequenas coisas.

Particular importância reveste o interesse por adquirir e fomentar um sério nível cultural, adequado às circunstâncias de cada um, em função dos estudos realizados, do ambiente social, dos gostos e hobbies pessoais. Apenas vos recordarei que neste ponto desempenham um papel importante as leituras e o bom aproveitamento do tempo dedicado ao oportuno descanso.

10. Nos Centros do Opus Dei e nos trabalhos apostólicos promovidos por fiéis da Prelazia, procura-se que os jovens se acostumem a pensar nos outros, com generosidade, com desejo de serviço. Animemo-positivamente a que forjem um ideal de vida que não os encerre em limites raquíticos, cômodos ou egoístas. Recordemos como São Josemaria impulsionava a fomentar, nelas e neles, todas as suas ambições nobres, sobrenaturalizando-as.

Se cultivarem essas ambições nobres, com espírito de superação e sacrifício, apresentar-se-á mais factível e simples o apreço pela transcendência e pelo relevo sobrenatural desses esforços; e mais facilmente ajudaremos a que avancem na sua vida interior e cheguem a ser instrumentos idôneos nas mãos de Cristo, a serviço da Igreja e da sociedade.

Muitas moças e muitos rapazes – dizia João Paulo II numa ocasião – «são exigentes no que diz respeito ao sentido e ao modelo de sua vida e desejam se livrar da confusão religiosa e moral. Ajudem-nos neste empreendimento. Com efeito, as novas gerações estão abertas e são sensíveis aos valores religiosos, ainda que às vezes seja de modo inconsciente. Intuem que o relativismo religioso e moral não dá a felicidade e que a liberdade sem a verdade é vã e ilusória»²⁶. A criatura que se conforma com horizontes reduzidos, muito dificilmente chegará a adquirir uma verdadeira formação humana e cristã. Não deixemos de incentivar os jovens para que saibam enfrentar-se com os problemas deste mundo.

O tom humano dos ministros sagrados

11. Para os sacerdotes também se revela imprescindível o exercício das virtudes humanas, pela própria natureza do ministério pastoral. Os presbíteros desenvolvem o seu trabalho no meio do mundo, em contato imediato com todo tipo de pessoas, que – como dizia D. Álvaro – «costumam ser juízes inexoráveis do sacerdote, e reparam antes de mais nada no seu modo de proceder como homem»²⁷.

Um sacerdote afável, educado, disponível para dedicar seu tempo aos demais, sabe apresentar-se bem e fazer agradável a luta do cristão.

Nenhuma circunstância afastou São Josemaria da elevada ideia que tinha do sacerdote. Ainda que, por um lado, deve fazer-se tudo para todos para chegar a todos (cf. 1 *Cor* 9, 19), por outro, não pode se esquecer de que é representante de Jesus Cristo entre os homens. Portanto, é lógico que deva se esforçar –

25 Cf. São Josemaria, *Caminho*, n. 380.

26 João Paulo II, Discurso a um grupo de bispos em visita *ad limina*, 18-11-1999.

27 D. Álvaro del Portillo, *Escritos sobre el sacerdocio*, Rialp, Madri, 6ª ed. 1990, p. 24.

dentro de suas limitações pessoais – para que os restantes fiéis descubram, através de seu comportamento pessoal, o rosto do Senhor. Conservam toda sua atualidade as recomendações que nosso Fundador dirigia aos clérigos, instando-os a cuidar da correção no modo de vestir, para que as pessoas estivessem em condições de reconhecê-los como ministros de Cristo, como administradores dos mistérios de Deus (cf. 1 Cor 4, 1).

O sacerdócio abrange toda a existência do presbítero. Precisamente por isto, porque deve aparecer real e constantemente disponível, deve-se reconhecê-lo facilmente, e o traje sacerdotal – a batina ou o *clergyman* – o distingue de modo claro. Na sociedade atual – muito ligada à cultura da imagem e, ao mesmo tempo, afastada talvez de Deus –, a veste sacerdotal não passa inadvertida. Por isso, os sacerdotes da Prelazia que exercem seu ministério pastoral em uma igreja, levam habitualmente o traje talar na igreja, e também nos nossos Centros. **Dos países onde há outros costumes – comentava nosso Padre –, não digo nada. Faremos sempre o que disponha a Igreja. No entanto, dentro de casa levaremos a batina: os que falam de liberdade devem, ao menos, respeitar a nossa liberdade de vestir em casa**²⁸.

FORMAÇÃO ESPIRITUAL

12. Esta faceta tem de ocupar «um lugar privilegiado na vida de cada um, chamado como está a crescer ininterruptamente na intimidade com Jesus, na conformidade com a Vontade do Pai, na entrega aos irmãos na caridade e na justiça»²⁹.

O Papa Bento XVI tem lembrado que *o caminho formativo do cristão – embora sem descurar a inteligência sistemática dos conteúdos da fé – assumia sempre um caráter de experiência, em que era determinante o encontro vivo e persuasivo com Cristo, anunciado por autênticas testemunhas*³⁰. A vida de união com Cristo, a procura da santidade, nutre-se de auxílios espirituais: conhecimento da doutrina católica, vida litúrgica e sacramental, acompanhamento espiritual.

Identificar-se com Jesus Cristo

13. Mediante a ação do Espírito Santo, os modos de seguir a Jesus Cristo dentro da Igreja são inumeráveis. Assim o anotava nosso Padre, quando escrevia: **deveis ser tão diferentes, como diferentes são os santos do Céu, que tem cada um as suas notas pessoais e especialíssimas. - E também tão parecidos uns com os outros como os santos, que não seriam santos se cada um deles não se tivesse identificado com Cristo**³¹.

O Opus Dei, além das práticas de piedade – todas elas tradicionais na Igreja – que recomenda a seus fiéis ou aos que se aproximam dos trabalhos apostólicos, transmite um espírito, para enfrentar e dar sentido à vida, fundamentando-a na filiação divina em Cristo. O eixo – a *dobradiça* – sobre a qual gira todo o trabalho de santificação, própria e alheia, é o trabalho profissional realizado do melhor modo possível, em união com Jesus Cristo e com o desejo de servir aos outros.

Esta ajuda espiritual facilita a unidade de vida, porque os fiéis da Prelazia e os sócios da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz aprendem a aproveitar as situações concretas em que se encontram, para convertê-las em ocasião e meio de santidade e de apostolado, atuando sempre com a mais plena liberdade pessoal nas questões profissionais, familiares, sociais, políticas, etc., que a Igreja deixa à decisão pessoal dos católicos.

28 São Josemaria, Carta 8-8-1956, n. 47.

29 João Paulo II, Exort. apost. *Christifideles laici*, 30-12-1988, n. 60.

30 Bento XVI, Exort. apost. *Sacramentum caritatis*, 22-2-2007, n. 64.

31 São Josemaria, *Caminho*, n. 947.

Neste sentido, São Josemaria explicava que é impossível estabelecer uma diferença entre trabalho e contemplação: não se pode dizer até aqui se reza, e até aqui se trabalha. Continua-se sempre rezando, contemplando na presença de Deus. Sendo homens de ação em aparência, vamos parar aonde foram parar os místicos mais altos: *voei tão alto, tão alto, / que dei à caça alcance, até o coração de Deus*³². Como não descobrir um eco destes ensinamentos nas palavras do Papa João Paulo II, dirigidas em Castelgandolfo a fiéis do Opus Dei? «Viver unidos a Deus no mundo, em qualquer situação, tratando de melhorar a si mesmos com a ajuda da graça e dando a conhecer a Jesus Cristo com o testemunho da vida. Será que existe algo de mais belo e mais entusiasmante que esse ideal? Vocês, inseridos e misturados nesta humanidade alegre e dolorosa, querem amá-la, iluminá-la, salvá-la»³³.

Os meios

14. A união do trabalho com a luta ascética, a contemplação e o exercício da missão apostólica, requer uma profunda preparação: por isso, o Opus Dei oferece-nos um amplo leque de recursos de formação pessoais e coletivos. Entre os pessoais, há um que reveste especial importância: é a conversa fraterna, que chamamos também Confidenciana precisamente por seu caráter interpessoal cheio de confiança.

É uma conversa de direção espiritual, que se situa no contexto do serviço fraterno, para viver a fundo, com liberdade e responsabilidade, o encontro quotidiano com Cristo no meio do mundo. Já nas páginas do Novo Testamento percebemos como o Senhor quis servir-se da mediação de homens e mulheres para encaminhar as almas para a meta da santidade. Quando chama São Paulo no caminho de Damasco, pede-lhe que recorra a outro homem, Ananias, que lhe comunicará a respeito do novo caminho que está prestes a empreender (cf. *At* 9, 6-18; 22, 10-15). Depois irá a Jerusalém *videre Petrum*, para ver a Pedro e aprender dele muitos aspectos da doutrina e da vida cristãs (cf. *Gal* 1, 18). De fato, a direção espiritual é uma tradição cujo espírito remonta aos primeiros passos da Igreja.

No Opus Dei, essa ajuda espiritual tende a facilitar que as pessoas assimilem com fidelidade o espírito que nosso Fundador recebeu de Deus e nos transmitiu, e que tem sido proposto pela Igreja como um caminho de santidade³⁴.

15. São Josemaria explicava que, na Obra, a direção espiritual pessoal se realiza *in actu*, isto é, no momento em que se tem essa conversa. Essa atenção situa-se no âmbito do conselho para ajudar a progredir na vida cristã. O nosso Padre comparava alguma vez a direção espiritual à tarefa de um irmão, que se preocupa pela vida dos irmãos mais jovens; de um amigo ou de uma amiga leais, movidos pelo desejo de convidar outros a serem melhores cristãos³⁵. Em resumo, a Confidenciana é uma conversa entre irmãos, e não a de um súdito com seu superior. Os que atendem essas conversas fraternas atuam com uma delicadeza extraordinária, fruto da preocupação exclusiva pela vida interior e pelas tarefas apostólicas de seus irmãos, sem pretender jamais influir nos assuntos temporais – de caráter profissional, social, cultural, político, etc. – de cada um.

Na Obra, a separação entre o exercício da jurisdição e a direção espiritual assegura-se na prática, entre outras coisas, pelo fato de que precisamente os que recebem conversas de direção espiritual – os Diretores locais e alguns outros fiéis especialmente preparados, e os sacerdotes ao celebrarem o sacramento da Penitência – não têm nenhuma potestade de governo sobre as pessoas que atendem. O Regime local,

32 São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 30-10-1964.

33 João Paulo II, Homilia, 19-8-1979.

34 Cf. João Paulo II, Const. apost. *Ut sit*, 28-11-1982.

35 Cf. São Josemaria, *La Abadesa de las Huelgas. Estudio teológico jurídico*, Rialp, Madri 1974, 3ª ed., p. 153. Recentemente, a Congregação para o Clero publicou o documento *O sacerdote, confessor e diretor espiritual, ministro da misericórdia divina*, 9-3-2011, onde se fala explicitamente de que também «fiéis leigos bem formados (...) desenvolvem este serviço de conselho no caminho da santidade» (n. 65).

no que tange à capacidade de governo, não se refere às pessoas, mas apenas à organização dos Centros e das atividades apostólicas; a função dos Diretores locais, no que se refere aos seus irmãos, é de conselho fraterno. Não coincidem, pois, num mesmo sujeito as funções de jurisdição e de ajuda espiritual. Na Prelazia, a única base da autoridade de governo sobre as pessoas é a jurisdição, que reside somente no Prelado e nos seus Vigários.

O que oferece, então, o Opus Dei? Fundamentalmente, uma direção espiritual a seus fiéis e às outras pessoas que a peçam. Os fiéis da Prelazia, porque aspiramos a nossa santificação pessoal e a realizar a missão do Opus Dei na Igreja, não temos inconveniente, de ordinário, em falar com quem nos indicam os Diretores – mesmo que seja alguém mais jovem –, sempre com plena liberdade e com fé na graça divina, que se utiliza de instrumentos humanos. A conversa fraterna não é uma “conta de consciência”. Se nessa direção espiritual nos perguntam alguma coisa – e, nalgumas ocasiões, pode ser bom e até necessário que nos perguntem –, procederão com muita delicadeza, porque ninguém está obrigado, concretamente, a dizer na Confidência o que é matéria de confissão.

Tudo o que vos menciono, filhas e filhos meus, vos parecerá óbvio, mas quis recolhê-lo dentro do contexto atual da sociedade, que manifesta uma particular sensibilidade pelo respeito à intimidade das pessoas, ainda que também seja abundante, em determinados ambientes, a falta de pudor e de respeito pela vida privada dos outros. A todos nos explicaram, pouco depois de conhecermos a Obra, que não nos passava pela cabeça, nem agora nos passa, chamar “meu diretor espiritual” a quem nos escuta, simplesmente porque, repito, não se dá esse personalismo na Obra, nem nunca se deu. Aquele que recebe uma Confidência transmite o espírito do Opus Dei sem acréscimos: quem tem o encargo de oferecer essa ajuda desaparece para pôr as almas face ao Senhor, dentro das características do nosso caminho. Um caminho, dizia nosso Padre, o da Obra, que é muito amplo. Pode-se ir **pela direita ou pela esquerda; a cavalo, em bicicleta; de joelhos, engatinhando como quando éreis crianças; e também pela beirada, sempre que não se saia do caminho**³⁶.

O Sacramento da Reconciliação

16. Além da conversa fraterna, recorreremos – de ordinário, semanalmente – a um sacerdote para receber a ajuda espiritual que está unida à Confissão sacramental. Como é bem compreensível, ajudam-nos os confessores que se designam para os diferentes Centros, que se ordenaram para servir em primeiro lugar às suas irmãs e aos seus irmãos, com total disponibilidade, e – porque conhecem e vivem o mesmo espírito – têm uma específica preparação para nos orientar, nunca para mandar. De modo análogo comporta-se quem costuma ir ao médico de família, quando o há, em lugar de ir a um desconhecido.

Ao mesmo tempo, como São Josemaria sempre deixou muito claro, os fiéis da Prelazia, como todos os outros católicos, gozam de plena liberdade para se confessar ou falar com qualquer sacerdote que tenha faculdades ministeriais: surpreender-vos-á que vos recorde esta verdade tão clara, mas me interessa mencioná-la porque talvez possa ser menos conhecida pelos que nada sabem do Opus Dei ou do espírito de liberdade próprio dos seguidores de Jesus Cristo. Além do mais, o nosso Padre estabeleceu que habitualmente fossem pessoas diferentes as que nos atendam na conversa fraterna e na Confissão.

Espírito de iniciativa e docilidade

17. A direção espiritual requer, nas pessoas que a recebem, o desejo de progredir no seguimento de Cristo. Elas são as primeiras interessadas em procurar esse impulso com a frequência oportuna, abrindo o coração com sinceridade, de maneira que lhes possam sugerir metas, assinalar possíveis desvios,

³⁶ São Josemaria, Notas de uma meditação, 31-12-1970.

alentar em momentos de dificuldade, facilitar consolo e compreensão. Por isso, agem com espírito de iniciativa e de responsabilidade. **O conselho de outro cristão, e especialmente - em questões morais ou de fé - o conselho do sacerdote, é uma ajuda poderosa para reconhecer o que Deus nos pede numa circunstância determinada; mas o conselho não elimina a responsabilidade pessoal. Cada um de nós é que tem de decidir em última análise, e é pessoalmente que havemos de dar contas a Deus das nossas decisões**³⁷.

Ao ir à direção espiritual, para secundar a ação do Espírito Santo e crescermos espiritualmente e identificarmo-nos com Cristo, devemos cultivar as virtudes da sinceridade e da docilidade, que resumem a atitude da alma fiel ante o Paráclito. Assim descrevia esta recomendação São Josemaria, dirigindo-se a todos os fiéis, da Obra ou não. **Conheceis de sobra as obrigações do vosso caminho de cristãos, que vos conduzirão sem pausa e com calma à santidade; estais também precavidos contra as dificuldades, praticamente contra todas, porque se vislumbram já desde os começos do caminho. Agora insisto em que vos deixeis ajudar, guiar, por um diretor de almas a quem confieis todas as vossas aspirações santas e os problemas cotidianos que possam afetar a vida interior, os descabros que possais sofrer e as vitórias.**

Nessa direção espiritual, mostrai-vos sempre muito sinceros; não vos façais nenhuma concessão sem dizê-lo; abri por completo a vossa alma, sem medos nem vergonhas. Olhai que, de outro modo, esse caminho tão plano e fácil de andar se complica, e o que a princípio não era nada acaba por converter-se em nó que asfixia³⁸.

E, fazendo eco ao ensinamento dos Padres da Igreja e dos autores espirituais, apoiado na experiência de muitos anos de prática pastoral, insistia: **se o demônio mudo se introduz numa alma, põe tudo a perder; em contrapartida, se o expulsamos imediatamente, tudo corre bem, somos felizes, a vida desenvolve-se retamente. Sejamos sempre selvagemente sinceros, embora com prudente educação**³⁹.

O Senhor prodigaliza sua graça abundantemente sobre a humildade dos que recebem com visão sobrenatural os conselhos da direção espiritual, vendo nessa ajuda a voz do Espírito Santo. Só uma docilidade efetiva de coração e de mente faz possível o progresso no caminho da santidade, já que o Paráclito, com as suas inspirações e com os conselhos dos que nos atendem, **vai dando tom sobrenatural aos nossos pensamentos, desejos e obras. É Ele quem nos impele a aderir à doutrina de Cristo e a assimilá-la com profundidade; quem nos dá luz para tomarmos consciência da nossa vocação pessoal e força para realizarmos tudo o que Deus espera de nós. Se formos dóceis ao Espírito Santo, a imagem de Cristo ir-se-á formando cada vez mais em nós e assim iremos nos aproximando cada dia mais de Deus Pai. Os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus (Rm 8, 14)**⁴⁰.

Humildade e prudência ao dar a direção espiritual

18. Detenho-me agora nas disposições daqueles que assistem a outros na direção espiritual. Ressalta, em primeiro lugar, a de querer os outros como são, buscando exclusivamente seu bem. Assim, a sua atitude será sempre positiva, otimista e alentadora. Além disso, deverá também fomentar em si mesmo a virtude da humildade, para não perder de vista que só é um instrumento (cf. At 9, 15), de que o Senhor deseja servir-se para a santificação das almas.

Por outra parte, cuidará de se preparar o melhor possível para exercer a sua tarefa, conhecer os princípios fundamentais da vida espiritual que de ordinário percorrem as almas, e duvidar prudente-

37 São Josemaria, *Questões Atuais do Cristianismo*, n. 93.

38 São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 15.

39 *Ibid.*, n. 188.

40 São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 135.

mente – isto é, não se fiar exclusivamente no seu critério – caso se apresentem situações especiais. Nestes casos, além de rezar mais, pedirá mais luzes ao Espírito Santo, para estudar e focar bem o assunto. Se for necessário, de acordo com os ensinamentos da Moral, pode-se fazer uma consulta a pessoas mais dou-tas, apresentando-a como um caso hipotético e modificando as circunstâncias, de maneira que – para guardar rigorosamente o silêncio de ofício – fique completamente a salvo a identidade de quem se trate, e sempre com a devida prudência.

Na Obra, desde o início, conhecíamos e aceitávamos expressamente que a pessoa com quem se fala fraternalmente possa consultar ao Diretor pertinente, quando o considere oportuno para ajudar melhor o interessado. Com o fim de que fique ainda mais patente o espírito de liberdade e de confiança nessas situações – que não serão nem habituais nem frequentes –, a pessoa que recebe a conversa fraterna pergunta ao interessado se deseja pedir conselho ele mesmo a um Diretor ou se prefere que o faça aquele que escuta a sua Confidência. É uma maneira de proceder que reforça as medidas de delicadeza e de prudência vividas desde o princípio.

Ao mesmo tempo, todos contam com a liberdade de ir diretamente ao Padre ou a um Diretor Regional ou da Delegação, para falar da sua vida interior. Isto oferece, aos que recorrerem à direção espiritual no Opus Dei, a garantia de que vamos receber o que precisamos e desejamos: o espírito que nos transmitiu São Josemaria, sem acréscimos nem modificações. Ao mesmo tempo, nem de longe se lesa o dever de manter o segredo natural, que se guarda com o máximo cuidado e severidade: uma pessoa que não fosse exemplar neste ponto, careceria de uma disposição fundamental para dar direção espiritual.

Os que atendem os outros tentam fomentar em todo momento a liberdade interior dessas almas, para que correspondam voluntariamente aos apelos do amor de Deus. A direção espiritual oferece-se, portanto, sem uniformizar os fiéis do Opus Dei; isso seria ilógico e uma falta de naturalidade. A Obra **quer-nos libérrimos e diversos. Mas quer-nos cidadãos católicos responsáveis e consequentes, de forma que a mente e o coração de cada um de nós não andem separados, cada um por um lado, mas concordes e firmes, para fazer em todo momento o que se vê com clareza que se deve fazer, sem se deixar arrastar – por falta de personalidade e de lealdade à consciência – por tendências ou modas passageiras**⁴¹. Logicamente, deve-se falar com a fortaleza necessária para estimular as pessoas a caminharem pela senda que Deus lhes marca; mas também com suavidade extrema, porque não são nem se sentem donos, mas servidores das almas: *fortiter in re, suaviter in modo*. Efetivamente, **a prudência exige que, sempre que a situação o requeira, se aplique o remédio, totalmente e sem paliativos, depois de se deixar a chaga a descoberto (...). Temos que proceder assim, antes de mais nada, conosco próprios e com os que temos obrigação de ajudar por justiça ou por caridade**⁴².

Não deve ser obstáculo para essa função o pensamento de que também ele próprio deve melhorar nesse ponto concreto. **Porventura não cura um médico que está doente, ainda que o mal de que sofre seja crônico? Impede-o por acaso a sua doença de prescrever aos seus pacientes a receita adequada? Claro que não. Para curar basta possuir a ciência conveniente e pô-la em prática, com o mesmo interesse com que combate a sua própria doença**⁴³.

A formação litúrgica

19. Dentro da formação espiritual, muito unida à formação doutrinal-religiosa, situa-se o amor pela sagrada liturgia da Igreja na qual – de modo eminente na Santa Missa – se realiza a obra de nossa

41 São Josemaria, *Carta 6-5-1945*, n. 35.

42 São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 157.

43 *Ibid.*, n. 161.

Redenção⁴⁴. **A Santa Missa situa-nos (...) perante os mistérios primordiais da fé, porque é a própria doação da Trindade à Igreja. Compreende-se deste modo que a missa seja o centro e a raiz da vida espiritual do cristão**⁴⁵.

A mensagem cristã é *performativa*. Isto é, o Evangelho, e a liturgia que o traz a nossa existência, não é somente uma comunicação de realidades que se podem conhecer, mas uma comunicação que comporta fatos e muda a vida⁴⁶.

Ninguém com senso comum e sentido sobrenatural pode pensar que a liturgia é “coisa de clérigos”; ou que os clérigos “celebram” e o povo simplesmente “assiste”. Bem longe de semelhante concepção, São Josemaria impulsionava a participação de todos: desde a compreensão da conexão íntima entre liturgia da Palavra e liturgia eucarística, ou da dimensão essencial da adoração na celebração, até detalhes concretos como o uso do missal dos fiéis, para facilitar a sua participação: primeiro com o coração e depois com as palavras e os gestos previstos. Lembro-me de ter ouvido que, já nos anos trinta do século passado, para dar mais vigor a esse ensino, quis que se dialogasse a Missa, com uma resposta em voz alta às orações que pronunciava o sacerdote. Então não era habitual: faltavam trinta anos até o Concílio Vaticano II.

A liturgia da Palavra

20. Toda a história da salvação, e a liturgia que a celebra e a torna presente, está caracterizada pela iniciativa de Deus que nos convoca e espera de cada um de nós uma resposta atual, com um amor que depois informe toda a jornada, com ânimo de que o Sacrifício do altar se prolongue ao longo das vinte e quatro horas.

A celebração da Palavra na Santa Missa é um verdadeiro diálogo que exige uma resposta delicada: é Deus que fala a seu povo e este faz sua esta *palavra divina* por meio do silêncio, do canto, etc.; adere a esse anúncio professando a sua fé no Credo e, cheio de confiança, vai com as suas petições ao Senhor⁴⁷. Nas leituras, o Paráclito **fala com voz humana para que a nossa inteligência saiba e contemple, para que a vontade se robusteça e a ação se cumpra**⁴⁸. A possibilidade de que se tornem realidade na nossa vida, depende da graça divina, mas também da preparação e fervor de quem as lê e as medita, de quem as escuta. «Pelas santas Escrituras, efetivamente, somos conduzidos a cumprir ações virtuosas e à pura contemplação»⁴⁹.

Aqui nos é apresentado um ponto bem concreto de exame e de melhora. Que fruto tiramos dessas leituras, todos os dias, na Santa Missa? Saboreamos os instantes de silêncio previstos após o Evangelho, para aplicar-nos a pregação do Senhor? Tenho recordado que «muitos temos sido testemunhas de como São Josemaria *se metia* a fundo nas leituras da Missa; notava-se nele até no tom da voz. Repetia-se, com muita frequência, um fato: depois do Santo Sacrifício, tomava nota das frases que o tinham marcado mais profundamente, para levá-las à oração pessoal. Assim se enriquecia constantemente a sua alma e a sua pregação. Tratemos nós de imitar tão bom mestre. Deus tem-se revelado a nós para que O conheçamos mais e melhor, e para que O demos a conhecer, com naturalidade, sem respeitos humanos»⁵⁰.

44 Cf. Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 2.

45 São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 87.

46 Cf. Bento XVI, Encíclica *Spe salvi*, 30-11-2007, n. 2.

47 Cf. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 55.

48 São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 89.

49 São João Damasceno, *Exposição sobre a fé ortodoxa*, IV, 17 (PG 94, 1175).

50 *Vivir la Santa Misa*, Rialp, Madri 2010, pp. 65-66.

A liturgia eucarística

21. Nesta parte da Santa Missa, o sacerdote não se dirige principalmente aos fiéis reunidos. De fato, a orientação espiritual e interior de todos, do sacerdote e dos fiéis, é *versus Deum per Iesum Christum*, voltado para Deus por meio de Jesus Cristo. Na liturgia eucarística, **sacerdote e povo certamente não rezam um para o outro, mas para o único Senhor. Portanto durante a oração olham na mesma direção, para uma imagem de Cristo na ábside, ou para uma cruz ou simplesmente para o céu, como fez o Senhor na oração sacerdotal na noite anterior à sua Paixão**⁵¹. Como nos ajuda essa adoração comum, esse sair ao encontro do Senhor que vem, e pôr nossos olhos na cruz do altar!

22. No Sacrifício do altar são necessárias a obediência e a piedade, intimamente unidas: são também requisitos fundamentais para que a liturgia seja fonte e cume da vida da Igreja e de cada cristão. Obediência, em primeiro lugar, porque «as palavras e os ritos litúrgicos são expressão fiel, amadurecida ao longo dos séculos, dos sentimentos de Cristo e ensinam-nos a ter os mesmos sentimentos que Ele (cf. *Flp* 2, 5); conformando a nossa mente com suas palavras, elevamos ao Senhor o nosso coração»⁵². Eis aqui um fundamento profundo de por que temos de obedecer, de amar cada palavra, cada gesto, cada rubrica, pois fazem chegar o dom de Deus, ajudam-nos a ser *alter Christus, ipse Christus*.

O Concílio Vaticano II recordou que a plena eficácia da liturgia depende também de que cada um, sacerdote ou fiel, ponha a alma em consonância com a voz⁵³. E Bento XVI explicava que nas cerimônias, **a voz, as palavras precedem a nossa mente. De ordinário não sucede assim. Primeiro deve-se pensar e depois o pensamento converte-se em palavra. Mas aqui a palavra vem antes. A sagrada liturgia dá-nos as palavras; nós devemos entrar nessas palavras, encontrar a concordância com esta realidade que nos precede (...). Esta é a primeira condição: nós mesmos devemos interiorizar a estrutura, as palavras da liturgia, a palavra de Deus. Assim a nossa celebração será realmente celebrar “com” a Igreja: o nosso coração alargou-se e não fazemos algo, mas estamos “com” a Igreja em colóquio com Deus**⁵⁴.

Na vida de São Josemaria fundem-se de modo admirável piedade e obediência, e constituem um exemplo de algo muito real: **de nenhuma outra maneira poderemos manifestar melhor o nosso máximo interesse e amor pelo Santo Sacrifício, do que observando esmeradamente até a menor das cerimônias prescritas pela sabedoria da Igreja.**

E, além do Amor, deve urgir-nos a “necessidade” de nos parecermos com Jesus Cristo, não apenas interiormente, mas também externamente, movimentando-nos - nos amplos espaços do altar cristão - com aquele ritmo e harmonia da santidade obediente, que se identifica com a vontade da Esposa de Cristo, quer dizer, com a Vontade do próprio Cristo⁵⁵.

Gostaria que estas brevíssimas considerações a respeito da estrutura da Santa Missa nos ajudassem a todos a fomentar o interesse pela liturgia, alimento e parte necessária da vida espiritual. Como não lembrar que o nosso Fundador, já no longínquo ano de 1930, escreveu que todos na Obra **devem ter especial empenho em seguir, com todo o interesse, todas e cada uma das disposições litúrgicas, mesmo as que pareçam pouco ou nada importantes. Aquele que ama não perde um detalhe. Essas pequenezes são uma coisa muito grande: amor. E obedecer ao Papa, até nas coisas mínimas, é amá-lo. E amar ao Santo Padre é amar a Cristo e a sua Mãe, a nossa Mãe Santíssima, Maria. E nós apenas aspiramos a isso: justamente porque os amamos, queremos que omnes, cum Petro, ad Iesum per Mariam**⁵⁶.

51 Joseph Ratzinger-Bento XVI, *Opera omnia*, vol. XI, Prefácio.

52 Congregação para o Culto divino e a Disciplina dos sacramentos, Instr. *Redemptionis sacramentum*, 25-3-2004, n. 5.

53 Cf. Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 11.

54 Bento XVI, Encontro com sacerdotes da diocese de Albano, 31-8-2006.

55 São Josemaria, *Forja*, n. 833.

56 São Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 110 (17-11-1930). Cit. por D. Álvaro do Portillo, *Carta*, 15-10-1991.

FORMAÇÃO NA DOCTRINA CATÓLICA

23. Quem ama sinceramente a Deus, sente-se impelido a conhecê-lo cada vez mais e melhor; não se conforma com um relacionamento superficial; procura compreender com maior profundidade tudo o que a Ele se refere. O afã por adquirir **esta ciência teológica - a boa e firme doutrina cristã - deve-se em primeiro lugar ao desejo de conhecer e amar a Deus. Ao mesmo tempo, é consequência da preocupação geral da alma fiel por descobrir o significado mais profundo deste mundo, que é obra do Criador**⁵⁷. Por isso, a formação que o Opus Dei proporciona aos seus fiéis – considerada da perspectiva doutrinal-religiosa – dirige-se a fazer com que adquiramos a doutrina da Igreja e aprofundemos em seu conhecimento.

Com o mesmo horizonte – olhando para Deus e para o mundo –, o bem-aventurado João Paulo II sublinhou a necessidade atual da formação na doutrina católica. «Revela-se hoje cada vez mais urgente a formação *doutrinal* dos fiéis leigos, não só pelo natural dinamismo de aprofundamento de sua fé, mas também pela exigência de “dar a razão da esperança” que há neles, face ao mundo e aos seus graves e complexos problemas. Tornam-se assim absolutamente necessárias uma sistemática ação de *catequese*, que se graduará segundo as idades e as diversas situações de vida, e uma mais decidida promoção cristã da *cultura*, como resposta aos eternos interrogantes que agitam o homem e a sociedade de hoje»⁵⁸.

Desde os começos do Opus Dei, e mesmo antes, São Josemaria mostrou um especial interesse em que as pessoas a quem atendia espiritualmente aprofundassem na sua formação doutrinal-religiosa, porque **cada um deve esforçar-se, na medida de suas possibilidades, por estudar a fé com seriedade e espírito científico**⁵⁹.

24. Como escrevia São Gregório Magno, «muito inútil é a piedade se falta o discernimento da ciência»⁶⁰, e «nada é a ciência se não tem a utilidade da piedade»⁶¹. O nosso Fundador fez questão de que o estudo da doutrina estivesse acompanhado por uma sincera vida espiritual, pelo trato íntimo com Jesus Cristo na oração e nos sacramentos, por uma devoção filial à Virgem Santíssima. Ensinava que **a verdade é sempre, de certo modo, algo de sagrado: dom de Deus, luz divina que nos encaminha para Aquele que é a Luz por essência. E isto acontece especialmente quando a verdade se considera na ordem sobrenatural: devemos pois tratá-la com respeito, com amor (...). Mais ainda: estamos persuadidos de que essa verdade divina, que levamos, nos transcende: que as nossas palavras são insuficientes para expressar toda a sua riqueza, e é possível inclusive que não a entendamos em sua plenitude e que acabemos fazendo o papel de quem transmite uma mensagem sem a compreender de todo**⁶².

Vale a pena o esforço da Prelazia para assegurar a todos os seus fiéis e a outras muitas pessoas uma séria preparação doutrinal; mais ainda em momentos, como os atuais, nos quais essa necessidade se observa de modo mais premente. Apresenta-se como uma gozosa realidade a afirmação do nosso Fundador feita muitos anos atrás: **a Obra inteira equivale a uma grande catequese, feita de forma viva, simples e direta nas entranhas da sociedade civil**⁶³.

Fidelidade ao Magistério e liberdade no opinável

25. A formação doutrinal abrange todos os campos: da Filosofia à Teologia e ao Direito Canônico,

57 São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 10.

58 João Paulo II, Exort. apost. *Christifideles laici*, 30-12-1988, n. 60.

59 São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 10.

60 São Gregório Magno, *Moralia*, I, 32, 45 (PL 75, 517).

61 *Ibid.*

62 São Josemaria, *Carta 24-10-1965*, nn. 24-25.

63 São Josemaria, *Carta 11-3-1940*, n. 47.

etc. Mediante esta preparação – que, no caso dos Numerários e Numerárias, e de muitos Adscritos e Adscritas, cobre os programas que se cursam nas universidades pontifícias – contribui-se para que em todos os estratos da sociedade haja pessoas decididas a dar um testemunho vivo do Evangelho, com a palavra e com as obras: *sempre dispostos* – como escreve São Pedro – *a dar resposta a todo o que vos peça a razão de vossa esperança* (1 Pe 3, 15).

De acordo com as repetidas diretrizes do Magistério, na explicação das diferentes matérias filosóficas e teológicas, tem uma especial relevância a doutrina do Doutor comum da Igreja. Cumpre-se assim a recomendação do Concílio Vaticano II e de vários Romanos Pontífices: «Aprofundar nos mistérios da fé e descobrir a sua mútua conexão (...) sob o magistério de Santo Tomás»⁶⁴.

São Josemaria ateu-se a esta linha e assim o recordou aos professores e professoras encarregados dos Estudos gerais da Prelazia. Ao mesmo tempo, com uma mentalidade aberta ao progresso da ciência teológica, explicava que dessa recomendação **não se pode concluir que devemos nos limitar a assimilar e a repetir todos e somente os ensinamentos de Santo Tomás.**

Trata-se de algo muito diferente: devemos certamente cultivar a doutrina do Doutor Angélico, mas do mesmo modo que ele a cultivaria se vivesse hoje. Por isso, algumas vezes será preciso levar a termo o que ele mesmo só pôde começar; e por isso também, fazemos nossos todos os achados de outros autores, que correspondam à verdade⁶⁵.

Acabo de vos lembrar, com palavras de nosso Padre, uma característica essencial do espírito do Opus Dei: que **corporativamente não temos outra doutrina que a que ensina o Magistério da Santa Sé. Aceitamos tudo o que este Magistério aceita, e rejeitamos tudo o que ele rejeita. Cremos firmemente em tudo quanto propõe como verdade de fé, e fazemos também nosso tudo o que é de doutrina católica**⁶⁶. E **dentro dessa doutrina ampla, cada um de nós forma o seu critério pessoal**⁶⁷. Os *Estatutos* da Prelazia estabelecem a proibição de que o Opus Dei – como disse o nosso Fundador – crie ou adote uma particular escola filosófica ou teológica⁶⁸. Isto, além de manifestar o amor à liberdade, expressa um fato eclesiológico fundamental: que os membros da Prelazia são fiéis cristãos comuns ou, quando for o caso, comuns sacerdotes seculares, com idênticos âmbitos de liberdade de opinião que os demais católicos.

FORMAÇÃO PARA O APOSTOLADO

26. O conhecimento profundo das verdades religiosas fundamentais, bem como dos aspectos éticos e morais que se relacionam mais de perto com o exercício do seu trabalho pessoal, é importante também para fazer um amplo trabalho apostólico no ambiente profissional em que cada um se desenvolve. **A luz dos seguidores de Jesus Cristo não deve permanecer no fundo do vale, mas no cume da montanha, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus** (Mt 5, 16)⁶⁹.

Certamente são numerosas as pessoas de coração grande, capazes de se apaixonarem por Deus, às quais falta a luz da doutrina que oriente e dê sentido às suas vidas. Cabe aos cristãos o dever e a alegria de proporcionar essa doutrina. Uma passagem do Novo Testamento ilustra-o expressamente. Cumprindo

64 Concílio Vaticano II, Decr. *Optatam totius*, n. 16; cf. Pio XII, Discurso, 24-6-1939; Paulo VI, Discurso, 12-3-1964; João Paulo II, Encíclica *Fides et Ratio*, 14-9-1998, nn. 43 ss.

65 São Josemaria, *Carta 9-1-1951*, n. 22.

66 São Josemaria, *Carta 14-2-1964*, n. 1.

67 São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 30-4-1961.

68 Cf. *Codex Iuris particularis seu Statuta Prælaturæ Sanctæ Crucis et Operis Dei*, n. 109.

69 São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 10.

um mandato do Espírito Santo, o diácono Filipe dirigiu-se ao caminho que conduzia a Gaza. Transitava por ali uma carruagem em que uma alta personagem, ministro da rainha da Etiópia, regressava ao seu país após ter adorado a Deus em Jerusalém. *Filipe aproximou-se e ouviu que lia o profeta Isaías. Então disse-lhe: – Entendes o que lês? Ele respondeu: – Como vou entender se ninguém me explica? Rogou então a Filipe que subisse e se sentasse junto dele (At 8, 30-31).*

É tarefa dos católicos anunciar, com paz e perseverança, a boa nova de Jesus, suprimir a ignorância religiosa por meio da difusão da doutrina revelada. **O apostolado cristão - e refiro-me agora, especificamente, ao apostolado de um simples cristão, ao de um homem ou mulher que vive como outro qualquer entre os seus iguais - é uma grande catequese em que, através do relacionamento pessoal, de uma amizade leal e autêntica, se desperta nos outros a fome de Deus e se ajuda cada um a descobrir novos horizontes - com naturalidade, com simplicidade, como disse, com o exemplo de uma fé bem vivida, com a palavra amável, mas cheia da força da verdade divina**⁷⁰.

Devemos propagar ardentemente a Verdade de Cristo, fazer que outros participem do tesouro que recebemos, de maneira que experimentem *que nada há de mais formoso que ter sido atingidos, surpreendidos, pelo Evangelho, por Cristo. Nada mais belo que conhecê-lo e comunicar aos outros a amizade com Ele*⁷¹.

27. No Decreto sobre o apostolado dos leigos, o Concílio Vaticano II ensina que «o apostolado não pode atingir eficácia plena, senão através da formação múltipla e integral. Exigem-na não apenas o progresso contínuo do leigo na espiritualidade e na doutrina, mas também o conjunto variado de assuntos, pessoas e encargos, aos quais sua atividade deve adaptar-se (...). Além da formação, comum a todos os cristãos, muitos tipos de apostolado exigem formação específica e peculiar, em vista das pessoas e circunstâncias diferentes»⁷².

Nos últimos anos, este afã de almas requereu maior vigor, para contrabalançar o secularismo que avançou a grandes passos, até chegar a adquirir carta de cidadania em países tradicionalmente cristãos. Voltar a impregnar com o espírito de Cristo as raízes dessas nações é precisamente o objetivo da nova evangelização⁷³. Na Prelazia, esse trabalho resume-se em orientar e estimular cada pessoa, para que realize a missão evangelizadora recebida no Batismo, com o espírito e os meios específicos do Opus Dei, através do **apostolado de amizade e confiança**.

João Paulo II insistia em que o mundo «pede *evangelizadores fiéis, em cuja vida, em comunhão com a cruz e a ressurreição de Cristo, resplandeça a beleza do Evangelho* (...). Todo batizado, como testemunha de Cristo, deve adquirir a formação apropriada à sua situação, para que a fé não só não se esgote por falta de cuidado em um meio tão hostil como é o ambiente secularizado, mas sustente e impulse o testemunho evangelizador»⁷⁴.

Apostolado pessoal de amizade e confiança

28. Nosso Senhor veio a esta terra para que todas as almas alcancem a vida eterna, e quer contar também com seus discípulos: *ut eatis*, para que vades – repete a nós cristãos, como aos Apóstolos – e deis fruto, e o vosso fruto permaneça (cf. *Jo 15, 16*). Portanto, filhas e filhos meus, devemos levar a sua doutrina pelos mais diversos ambientes, já que nos interessam todas as almas para o Senhor. Mas é lógico

70 *Ibid.*, n. 149.

71 Bento XVI, Homília na Missa de início do ministério petrino, 24-4-2005.

72 Concílio Vaticano II, Decr. *Apostolicam actuositatem*, n. 28.

73 Cf. Bento XVI, Encíclica *Caritas in veritate*, 29-6-2009, n. 29; Discursos de 19-10-2006, 11-6-2007, 12-3-2010, 24-9-2011, entre outros.

74 João Paulo II, Exhort. apost. *Ecclesia in Europa*, 28-6-2003, n. 49.

começar por quem Deus colocou mais perto de nós.

Na Prelazia do Opus Dei, como vos dizia, damos prioridade ao que São Josemaria chamava **apostolado de amizade e confiança**: um trato pessoal, no qual um coração transmite a outro o seu conhecimento e o seu amor a Cristo, facilitando que se abra aos suaves impulsos da graça.

A amizade pressupõe – e ao mesmo tempo cria – comunhão de sentimentos e anseios. Mas «onde principalmente se realiza essa comunicação é na convivência (...); daí que o conviver seja próprio da amizade»⁷⁵. Com esse trato, tem-se o primeiro passo no caminho da amizade. Portanto, dá-nos alegria aproveitar as ocasiões, que o trabalho profissional e social nos oferece, de conhecer novos amigos, com o desejo de ajudá-los e, também, de aprender deles: a amizade é essencialmente mútua. O nosso Padre animava-nos a comportar-nos como *Cristo que passa* ao lado das pessoas, pelo caminho da vida corrente. **O Senhor quer servir-se de nós – do nosso relacionamento com os homens, desta capacidade que Ele nos deu, de querer bem e de nos fazer querer –, para que Ele continue a fazer amigos na terra**⁷⁶.

Entre as características desse modo de servir, destaca a necessidade de saber adaptar-se à capacidade e à mentalidade de cada um, de maneira que entendam o que escutam. São Josemaria chamava **dom de línguas** a este esforço por fazer-se entender, que brota como fruto da graça, da oração e da preparação pessoal, para que a doutrina da Igreja ressoe com tonalidades novas nos ouvidos das pessoas. É preciso **repetir as mesmas coisas, mas de modos diversos. É a forma que deve ser sempre nova, diferente; não a doutrina**⁷⁷.

Trata-se de imitar a Jesus, que expunha os mais altos ensinamentos por meio de parábolas, de comparações que todos – cada um no seu nível – estavam em condições de entender. Fomentemos o desejo de expor as verdades cristãs de forma atraente: *que a vossa palavra seja sempre amável, temperada com sal, de forma que saibais responder a cada um como convém* (Col 4, 6). Não se trata de uma formalidade, ou de nos mostrarmos eruditos, mas de falar com conteúdo, buscando a glória de Deus e o bem das almas.

29. Nesse contexto, o conhecimento profundo da Sagrada Escritura – do Antigo e do Novo Testamento –, fruto de uma leitura assídua e de uma meditação atenta, reveste de uma importância fundamental. Recordou-o recentemente o Papa Bento XVI, na Exortação apostólica *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na missão da Igreja. Ali, entre outros grandes santos a quem o Senhor concedeu luzes especiais para aprofundar no sentido espiritual da Bíblia, o Papa afirma que um desses raios de luz se manifesta em *São Josemaria Escrivá e a sua pregação sobre a chamada universal à santidade*⁷⁸.

O Romano Pontífice escreve que *um momento importante da animação pastoral da Igreja, onde se pode sapientemente descobrir a centralidade da Palavra de Deus, é a catequese, que, nas suas diversas formas e fases, sempre deve acompanhar o Povo de Deus*⁷⁹. E mostra como *o encontro dos discípulos de Emaús com Jesus, descrito pelo evangelista Lucas (cf. Lc 24, 13-35), representa em certo sentido o modelo de uma catequese em cujo centro está a “explicação das Escrituras”, que somente Cristo é capaz de dar (cf. Lc 24, 27-28), mostrando o seu cumprimento em Si mesmo. Assim, renasce a esperança, mais forte do que qualquer revés, e faz daqueles discípulos testemunhas convictas e credíveis do Ressuscitado*⁸⁰. Estas palavras não vos trazem à memória a afirmação gozosa do nosso Padre quando pregava que agora **Emaús é o mundo inteiro, porque o Senhor abriu os caminhos divinos da terra**⁸¹?

75 Santo Tomás de Aquino, *Exposição da Ética a Nicômaco*, IX, 14.

76 São Josemaria, *Carta 9-1-1932*, n. 75.

77 São Josemaria, *Carta 30-4-1946*, n. 71.

78 Bento XVI, Exort. apost. *Verbum Domini*, 30-9-2010, n. 48.

79 *Ibid.*, n. 74.

80 *Ibid.*

81 São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 314.

Lembrem-se como nos transmitiu os ensinamentos desta passagem de São Lucas. Comentava que **toda a vida de Cristo é um modelo divino que devemos imitar, mas o que nos conta o evangelista da cena de Emaús nos pertence muito especialmente**⁸². Dessa cena evangélica serviu-se também para nos falar do apostolado pessoal de amizade e confiança. Fazia finca-pé em uma característica importante: é preciso tomar a iniciativa, sair ao encontro das pessoas para lhes oferecer a nossa amizade e ajudá-las na sua procura de Deus, com respeito e defesa da intimidade e da liberdade de todos.

No caminho de Emaús, o Ressuscitado vai em busca de dois discípulos que regressavam às suas casas, desanimados pelos acontecimentos dolorosos que tinham presenciado: a Paixão e Morte do seu Senhor. Esse gesto de Jesus ensina-nos que a amizade leva a compartilhar as alegrias e as penas dos nossos amigos, a que sejamos solidários e lhes dediquemos tempo. **Jesus caminha ao lado daqueles dois homens que perderam quase toda a esperança, a tal ponto que a vida começa a parecer-lhes sem sentido. Compreende a sua dor, penetra em seus corações, comunica-lhes um pouco da vida que nEle habita**⁸³. De igual modo temos de compartilhar as preocupações, os sonhos, as dificuldades daqueles com quem nos relacionamos, sendo um a mais entre os nossos colegas de ofício ou profissão, sem que nos separe deles nenhuma barreira: uma estupenda característica do espírito da Obra, que não tira ninguém do seu lugar e que nos convida a estar no mundo sem sermos mundanos.

Assim devemos agir no ambiente em que nos movemos, sem perder de vista que – se somos fiéis – Jesus Cristo atua em nós, e deseja servir-se do nosso exemplo e da nossa palavra para chegar a outras pessoas, ao mesmo tempo que elas nos enriquecem com a sua amizade. Nada mais lógico do que os verdadeiros amigos comunicarem entre si as suas alegrias e as suas penas, o seu trabalho e, como é natural, o maior tesouro que possui um cristão: precisamente, a vida de Cristo. Falaremos de Deus, da alegria de tê-lo na nossa alma em graça, do valor imenso que só Ele pode conferir a uma existência humana.

Agindo assim, os cristãos cooperam eficazmente na missão evangelizadora da Igreja, pondo Cristo no coração e na alma dos seus conhecidos, para contribuir a erguer a Cruz no cume de todas as atividades humanas.

Apostolado da família e com a juventude

30. São muitas as atividades que contribuem para fortalecer a extensão do reino de Deus. No entanto, algumas têm objetivamente uma transcendência maior, segundo as necessidades de cada época e de cada lugar. A família, a formação da juventude, o mundo da cultura constituem, em grande parte, o desafio da nova evangelização que o Santo Padre impulsiona.

A família precisa urgentemente de que se reafirme o seu *humus* originário, querido por Deus na criação, que infelizmente os costumes e as leis civis de muitos países se empenham em perverter. É uma tarefa de importância capital, em que os católicos coincidimos com pessoas de outras crenças, ou sem religião alguma, conscientes de que a promoção da família – comunhão de amor entre um homem e uma mulher, indissolúvel e aberta à vida – constrói uma coluna insubstituível para a reta orientação da sociedade, e um fundamento importante para que os homens atinjam a maturidade e a felicidade. Além do que possamos fazer em colaboração com outros, pessoalmente pode-se ajudar, por exemplo, a que os cônjuges se perdoem mutuamente e compreendam que a sua vida é uma entrega ao outro; e, se se trata de um casal cristão, a que compreendam que participam num mistério: na união de Cristo com sua Igreja. Essa fidelidade de ambos, que, com o correr dos anos, é manifestação do amor verdadeiro, traça também o caminho para chegar ao Céu.

82 São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, abril de 1951.

83 São Josemaria, É Cristo que passa, n. 105.

O trabalho apostólico com a juventude constituirá sempre um desafio vital para o mundo e para a Igreja, porque é nesses anos que se forjam aqueles que orientarão o rumo da sociedade e a farão avançar pelas sendas traçadas pelo Criador e Redentor.

Nesse âmbito, ganha especial relevo o apostolado da diversão e o bom uso do tempo livre. Limito-me a recordar-vos o que vos escrevi em 2002: que é preciso preencher de conteúdo cristão «os costumes, as leis, a moda, os meios de comunicação, as expressões artísticas. Todos esses aspectos pulsam no coração da batalha para a nova evangelização da sociedade, a que o Santo Padre convoca sem trégua os cristãos»⁸⁴.

Apostolado e cultura

31. O amplo mundo do pensamento e da cultura, das ciências, das letras e da técnica continua a mostrar-se como uma área privilegiada que é preciso iluminar com as luzes do Evangelho. «Os cristãos, pois, devem ter uma fé que lhes permita enfrentar-se criticamente com a cultura atual, resistindo às suas seduções; incidir eficazmente nos âmbitos culturais, econômicos, sociais e políticos; manifestar que a comunhão entre os membros da Igreja católica e com os outros cristãos é mais forte que qualquer vínculo étnico; transmitir com alegria a fé às novas gerações; construir uma cultura cristã capaz de evangelizar a cultura mais ampla em que vivemos»⁸⁵.

Os apostolados da Obra são **um mar sem margens**. Queremos abrir os braços de par em par a cada pessoa, como Cristo na Cruz. Daí nosso empenho por chegar aos que estão mais longe de Deus, como nos ensinou São Josemaria, que amava – sempre repetiu isso – o apostolado *ad fides*. O nosso Padre alentava-nos a **ter especial empenho no apostolado ad gentes, com os gentios (...). Primeiro – repetei o de sempre –, com uma amizade sincera, leal, humanamente boa**⁸⁶. Aproveitando as múltiplas relações que se originam no exercício do trabalho profissional, num mundo caracterizado pela globalização, será fácil dialogar com pessoas de outras confissões e crenças, ou sem religião alguma, com o desejo de suscitar nelas o desejo de conhecerem melhor a Deus. Ajudaremos inclusive aos que manifestem uma atitude negativa em face da Igreja católica, se tentarmos tratá-los com mansidão, paciência, compreensão e carinho.

Considero importante sobretudo – dizia Bento XVI num discurso à Cúria Romana – ***o fato de que também as pessoas que se declaram agnósticas e ateias devem nos interessar a nós como fiéis. Quando falamos de uma nova evangelização, estas pessoas talvez se assustem. Não querem ver a si mesmas como objeto de missão, nem renunciar à sua liberdade de pensamento e de vontade. Mas a questão sobre Deus continua a estar também neles, ainda que não possam crer em concreto que Deus se ocupe de nós***⁸⁷.

Ainda que só alguns participem em iniciativas desse tipo, sentimos o dever de apoiá-los com a nossa oração. Porque cada um de nós, filhos de Deus na Igreja santa, quer apenas viver para levar o nome do Senhor a todos os povos e a todas as culturas, até os últimos confins da terra (cf. At 9, 15).

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

32. Uma vez que o trabalho ordinário constitui, segundo o espírito do Opus Dei, o eixo da santifi-

84 Carta, 28-11-2002, n. 11.

85 João Paulo II, Exhort. apost. *Ecclesia in Europa*, 28-6-2003, n. 50.

86 São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 15-4-1973.

87 Bento XVI, Discurso à Cúria Romana, 21-12-2009.

cação pessoal e o ambiente habitual do trabalho apostólico dos seus fiéis, compreende-se que na Prelazia se fomente a boa preparação profissional. **O estudo, a formação profissional, seja qual for, é obrigação grave entre nós**⁸⁸.

Em tempos recentes, o Magistério da Igreja abordou o tema do trabalho – e todos lemos esse ensinamento pensando na pregação de São Josemaria, desde 1928 – como âmbito para a procura da santidade por parte dos fiéis leigos. Tem insistido na «formação de uma espiritualidade do trabalho, que ajude todos os homens a se aproximarem, através dele, de Deus, Criador e Redentor, a participar em seus planos salvíficos com respeito ao homem e ao mundo, e a aprofundar em suas vidas na amizade com Cristo»⁸⁹.

Trabalho e unidade de vida

33. Na homilia *Amar o mundo apaixonadamente*, São Josemaria insistiu na importância da unidade de vida no cristão, que harmoniza a piedade, o trabalho e o apostolado. **Tenho-o ensinado constantemente com palavras da Escritura Santa: o mundo não é ruim, porque saiu das mão de Deus, porque é criatura dEle, porque Javé olhou para ele e viu que era bom (cf. Gn 1, 7 e ss.). Nós, os homens, é que o fazemos ruim e feio, com nossos pecados e nossas infidelidades. Não duvidem, meus filhos; qualquer modo de evasão das honestas realidades diárias é para os homens e mulheres do mundo coisa oposta à vontade de Deus.**

Pelo contrário, devem compreender agora - com uma nova clareza - que Deus os chama a servir-Lo em e a partir das tarefas civis, materiais, seculares da vida humana. Deus nos espera cada dia: no laboratório, na sala de operações de um hospital, no quartel, na cátedra universitária, na fábrica, na oficina, no campo, no seio do lar e em todo o imenso panorama do trabalho. Não esqueçamos nunca: há algo de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós compete descobrir (...).

Não há outro caminho, meus filhos: ou sabemos encontrar o Senhor na nossa vida de todos os dias, ou não o encontraremos nunca. Por isso, posso afirmar que a nossa época precisa devolver à matéria e às situações aparentemente vulgares o seu nobre e original sentido: pondo-as ao serviço do Reino de Deus, espiritualizando-as, fazendo delas meio e ocasião para o nosso encontro contínuo com Jesus Cristo⁹⁰.

A formação que a Prelazia proporciona tende a fomentar o necessário espírito sobrenatural, para que cada um se empenhe em realizar o trabalho com a maior perfeição humana possível e com afã de serviço, convertendo-o em instrumento de santidade e de apostolado. Para isso, devemos nos esforçar por atingir o necessário prestígio profissional entre os nossos colegas, que se adquire com o empenho e a dedicação ao longo dos anos. Cada qual recebe essa formação específica como os demais cidadãos: nas universidades, nas escolas técnicas, nas oficinas, etc., onde realiza seus estudos ou aprende um ofício. O espírito da Obra impulsiona-nos a conservar e a melhorar com constância essa preparação. Todos temos consciência de sermos libérrimos, tanto no momento de escolher a profissão como ao exercitá-la. A Obra só ensina o modo de santificar-se nessas tarefas, sem se imiscuir nas opções profissionais da cada um.

Não importa o tipo de tarefa que se leve a cabo, sempre que seja honrada: **que é mais importante: ser catedrático na Sorbonne ou fazer os trabalhos domésticos? Eu te direi que, se tu és santa, porque te estás santificando no trabalho, isso é o mais importante**⁹¹. E acrescentava noutro momento: **quan-**

88 São Josemaria, *Caminho*, n. 334.

89 João Paulo II, Encíclica *Laborem exercens*, 14-9-1981, n. 24.

90 São Josemaria, Homilia *Amar ao mundo apaixonadamente*, 8-10-1967 (em *Questões Atuais do Cristianismo*, n. 114).

91 São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 30-8-1961.

do, referindo-me às faxineiras que trabalham na Universidade de Navarra, afirmo que não sei se o seu trabalho é tão ou mais importante que o da Reitoria, não estou brincando: simplesmente repito o que sempre pensei. A tarefa de uma dessas mulheres que vai trabalhar com alegria e faz tudo por amor, pode ser heroica, nada vulgar, e sem dúvida mais eficaz que a de um grande pesquisador que só pensa em publicar os seus estudos. Insisto, o que vale mais?: depende do amor e do sacrifício com que se realiza o trabalho, mas com um sacrifício prazeroso, alegre, voluntário; caso contrário, é melhor que não se faça⁹².

A todos os católicos compete o dever de fazer quanto estiver em suas mãos para que Cristo reine efetivamente na sociedade, e estas ânsias santas manifestam-se também tentando adquirir o necessário prestígio profissional, *candeeiro* para que brilhe a luz de Cristo (cf. *Mc* 4, 21).

Os estudantes, por sua vez, devem sentir o dever de obter boas qualificações. Não esqueçam aquela consideração que São Josemaria escreveu em *Caminho*, que serviu de guia a tantas gerações de jovens no mundo inteiro: **para um apóstolo moderno, uma hora de estudo é uma hora de oração**⁹³.

Retidão de intenção

34. Ao mesmo tempo em que cuidamos da preparação profissional, lembremo-nos com responsabilidade de que a ocupação profissional – seja qual for – nos assinala sempre um *meio* para atingir a santidade e atender o apostolado. É muito necessário não perder este ponto de vista nos momentos atuais, porque na sociedade de hoje, altamente competitiva, é fácil pôr a profissão na primeira fila dos anseios, acima dos outros deveres para com Deus, com a própria família e com as demais pessoas. Insisto-vos, com o nosso Padre: **trabalhai voltados para Deus, sem ambicionar glória humana. Alguns veem no trabalho um meio para conquistar honras, ou para adquirir poder ou riqueza que satisfaça sua ambição pessoal, ou para sentir o orgulho da sua própria capacidade de realizar.**

Os filhos de Deus no seu Opus Dei não vemos jamais no nosso trabalho profissional algo relacionado com o egoísmo, a vaidade ou a soberba: vemos somente uma possibilidade de servir a todos os homens por amor a Deus⁹⁴. Por isso, acrescentava: **um bom índice da retidão de intenção, com que deveis realizar o vosso trabalho profissional, é precisamente o modo como aproveitais as relações sociais ou de amizade, que nascem ao desempenhar a profissão, para aproximar essas almas de Deus: chegando, se for o caso – se estiverem presentes as oportunas circunstâncias –, a propor-lhes o tema da sua vocação**⁹⁵.

Dentro da preparação profissional, devemos tender necessariamente a conhecer bem aqueles temas da doutrina católica mais relacionados com o âmbito da nossa profissão, ou que gozam de especial atualidade no país; talvez diferentes em cada lugar, mas alguns deles com vigência em toda parte; por exemplo, os relacionados com o matrimônio e a família, a educação, o “evangelho da vida”, a bioética, a justiça e a caridade nas relações trabalhistas... Por isso, o exemplo de retidão no cumprimento dos deveres profissionais, familiares e sociais constitui um testemunho confiável que todos devemos dar. «Como consequência da vossa retidão humana e cristã – eu vos escrevi –, nascerão também – nos ambientes nos quais vos desenvolveis – muitas iniciativas diretamente encaminhadas a resolver problemas sociais concretos, em nobre e fraterna colaboração com outros homens e mulheres de boa vontade. Elevo nestes momentos o meu coração em ação de graças a Nosso Senhor, porque à volta da Prelazia, com a ajuda de tantos Co-operadores, católicos e não católicos, florescem abundantes realidades de solidariedade que contribuem

92 São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 10-4-1969.

93 São Josemaria, *Caminho*, n. 335.

94 São Josemaria, *Carta 15-10-1948*, n. 18.

95 *Ibid.*, n. 31.

para implantar a justiça e a paz sobre a terra, levando a dezenas de milhares de pessoas – como dizia o nosso Padre – **o bálsamo forte e pacífico do amor** (É Cristo que passa, n. 183)»⁹⁶.

Espontaneidade apostólica

35. Filhas e filhos meus, quis pôr novamente diante dos vossos olhos que **a única ambição, o único desejo do Opus Dei e de cada um dos seus filhos, é servir a Igreja, como Ela quer ser servida, dentro da específica vocação que o Senhor nos deu**⁹⁷. E com alguma frequência, São Josemaria referiu-se ao Opus Dei dizendo que é uma **desorganização organizada**, porque o modo próprio de colaborar na missão da Igreja, querido por Deus, consiste em proporcionar formação às pessoas, nos diversos aspectos. Pode-se afirmar que a Prelazia do Opus Dei gasta todas as suas energias nesta tarefa, nesta catequese. Depois, vocês, singularmente, com a bagagem da preparação recebida e assimilada com liberdade e responsabilidade pessoais, procurais infundir a linfa do espírito cristão na torrente circulatória da sociedade.

Respondendo à pergunta de um jornalista sobre este aspecto tão característico da Obra, o nosso Padre explicava que concedemos **uma importância primária e fundamental à espontaneidade apostólica da pessoa, à sua iniciativa livre e responsável, guiada pela ação do Espírito; e não a estruturas organizativas, mandatos, táticas e planos impostos de cima, como ato de governo**⁹⁸.

Antes de concluir, volto a lembrar o fundamental: esforcemos-nos dia após dia na nossa dedicação cristã a Deus e aos outros. Esmeremo-nos por sermos mulheres e homens fidelíssimos ao Romano Pontífice, rezando com continuidade por sua pessoa e intenções; vivamos uma afetiva e efetiva união com os Bispos e todos os fiéis católicos. Enchamos-nos de otimismo e de gratidão ao Senhor, ao participarmos na nova evangelização. Recorramos à intercessão da Santíssima Virgem, Rainha do mundo e Mãe da Igreja, para que nos obtenha do Céu as graças necessárias.

Como é natural, colocamos como especial intercessor de todo esse trabalho formativo a São Josemaria, que – com a sua vida e os seus ensinamentos – deixou bem plasmado o espírito recebido de Deus no dia 2 de outubro de 1928, para que suas filhas e filhos, e muitas outras pessoas, possamos percorrer todos os caminhos da terra, tornando-os divinos com a graça do Espírito Santo.

Com todo carinho, abençoa-vos

vosso Padre

+ Javier

Roma, 2 de outubro de 2011.

⁹⁶ Carta, 1-6-1999.

⁹⁷ São Josemaria, Carta 31-5-1943, n. 1.

⁹⁸ São Josemaria, Questões Atuais do Cristianismo, n. 19.